



A FILOSOFIA COMO CRIAÇÃO DE CONCEITOS EM GILLES DELEUZE

Vitor Almeida dos Santos
Faculdade Dehoniana (FD)

RESUMO: O presente artigo faz um recorte do pensamento de Gilles Deleuze, mostrando as compreensões sobre a filosofia, e a noção singular que este filósofo intuiu. Apresentamos a noção aristotélica da filosofia como admiração. Expomos a compreensão de filosofia como reflexão e crítica. E, por fim mostramos a noção de filosofia como comunicação. Esses três passos nos permitem notar a originalidade do pensamento deleuziano acerca do que é a filosofia. Mostra-se a criação de conceitos como atividade destinada a filosofia. Passamos pela noção enciclopédica muito presente nos dicionários de filosofia; mostramos o conceito como atividade pedagógica e por fim, uma tendência recente de se associar o conceito a um produto do mercado ou mesmo do marketing. O pensamento deleuziano se serve do conceito como experimentações que junto a História da Filosofia e aos demais saberes, possibilitam pensar e organizar os problemas que afetam um indivíduo. O conceito não se designa por definições, mas como forma de compor uma totalidade que é fragmentada, isto é, que tem bifurcações.

PALAVRAS-CHAVE: Filosofia; conceito; criação.

ABSTRACT: This article presents an overview of Gilles Deleuze's thoughts, showing his understanding of philosophy and the unique notion that this philosopher intuited. We present the Platonic notion of philosophy as admiration. We expose the understanding of philosophy as reflection and criticism. And finally we show the notion of philosophy as communication. These three steps allow us to notice the originality of Deleuzian thinking about what philosophy is. The creation of concepts is shown as an activity aimed at philosophy. It is also about understanding the concept. We went through the encyclopedic notion very present in philosophy dictionaries; we show the concept as a pedagogical activity and finally, a recent trend of associating the concept with a product on the market or even with marketing. Deleuzian thought uses the concept as experiments that, together with the history of philosophy and other knowledge, make it possible to think and organize the problems that affect an individual. The concept is not designated by definitions, but as a way of composing a totality that is fragmented, that is, that has bifurcations.

KEY WORDS: Philosophy; Concept; Creation.

1.INTRODUÇÃO

A pergunta sobre o que é a filosofia, é uma indagação demasiadamente relevante, afinal, antes de se lançar a tal exercício, deveríamos compreender o que ela é. Essa pergunta, traz relevantes implicações ao ato de filosofar, pois pode-se pensar que estamos a filosofar, enquanto que estamos apenas a repetir ideias. Posto isso, nota-se que dizer o que é a filosofia, abarca inúmeras e singulares respostas, que se originam desde a contemplação, a reflexão, a comunicação, ou mesmo como criação de conceitos.

Feita tais considerações, na presente pesquisa mostramos qual a compreensão que alguns filósofos tiveram sobre o que é a filosofia. Realizar tal caminho, nos levará a diferenciar o percurso feito por Gilles Deleuze, um pensador do século XX, caracterizado por compor um movimento chamado: “Pós-estruturalismo”¹. Deleuze, caminha por um procedimento intitulado por: colagem (Machado, 2009, p. 30).

Deleuze, rompe com a tradição e postula que a filosofia não tem primado sobre a reflexão, a comunicação e a contemplação, uma vez que essas se constituem como ferramentas para o pensar também nas demais áreas do conhecimento. (Deleuze, 2010, p.13). Ora, deve-se então achar um lugar, ou ainda, uma atividade que é própria da filosofia, segundo ele seria o exercício de criar conceitos.

O conceito até então era entendido como um meio de definição e classificação de objetos, indivíduos, ou seja, uma noção essencialista, metafísica. Por outro lado, em Deleuze, a criação conceitual se refere aos acontecimentos que afetam, que desestabilizam os sujeitos e os lançam a pensar.

2. AS BIFURCAÇÕES ACERCA DO FAZER FILOSÓFICO

Para Deleuze, a pergunta sobre o que é a filosofia talvez seja uma questão que exija maturidade ao ser colocada e respondida. Todavia, ele não nega que no decorrer de sua vida já lhe havia aparecido a pergunta. Porém, considerava não ter vivências necessárias para respondê-la; tinha ânimo e desejo de fazer filosofia, mas foi num

¹ O movimento era composto por intelectuais como: Lyotard e Derrida etc. De modo geral, os “pós-estruturalistas” se centraram na França, na segunda metade do século XX. Ao seu modo, cada intelectual encontrou meios para romper com o estruturalismo, através das noções de diferença, criação, e no falecimento de metanarrativas.

momento de velhice que pôde de fato respondê-la. (Deleuze, 2010, p.07). De antemão, expomos que nesse horizonte filosófico, a grande valia está em maior parcela na criação de um problema, e não somente em sua resolução. (Deleuze,1998, p.02)

No livro Alfa da Metafísica de Aristóteles, podemos notar a gênese do filosofar entendida do seguinte modo:

De fato, os homens começaram a filosofar, agora como na origem, por causa da admiração, na medida em que, inicialmente, ficavam perplexos diante das dificuldades mais simples; em seguida, progredindo pouco a pouco, chegara a enfrentar problemas sempre maiores, por exemplo, os problemas relativos aos fenômenos da lua e aos do sol e dos astros, ou os problemas relativos à geração do universo. (Aristóteles, 2002, p.11.)

A respectiva perspectiva sobre a filosofia não é partilhada por Deleuze, pois dizer que a filosofia é contemplação, seria dizer que seu objeto já é dado, cabe apenas ao sujeito, desvelá-lo. (Deleuze, 2010, p.141). Pensar a filosofia como contemplação, é antes de mais nada crer que ela independe do observador. (Gallo, 2007, p.23).

Outros pensadores consideram a filosofia como atividade reflexiva e crítica. Segundo Chauí, a compreensão de filosofia como reflexão e crítica permeia os seguintes caminhos:

Esta última descrição da atividade filosófica capta a Filosofia como análise (das condições da ciência, da religião, da arte, da moral), como reflexão (isto é, volta da consciência para si mesma para conhecer-se enquanto capacidade para o conhecimento, o sentimento e a ação) e como crítica (das ilusões e dos preconceitos individuais e coletivos, das teorias e práticas científicas, políticas e artísticas), essas três atividades (análise, reflexão e crítica) estando orientadas pela elaboração filosófica de significações gerais sobre a realidade e os seres humanos. Além de análise, reflexão e crítica, a Filosofia é a busca do fundamento e do sentido da realidade em suas múltiplas formas indagando o que são, qual sua permanência e qual a necessidade interna que as transforma em outras. (Chauí, 2000, p. 16).

Interpretar a filosofia como reflexão e crítica, talvez nos seja mais familiar, porque comumente quando somos indagados sobre essa pergunta, comumente as respostas orbitam em torno dessa citação. Mas, não é o caso de Deleuze, pois seria um triunfalismo demasiado da filosofia compreender que a reflexão, a crítica e a busca pelos fundamentos são suas propriedades, e que as demais formas de pensar, deveriam ser legitimadas por ela.

[...] ninguém precisa de filosofia para refletir sobre o que quer que seja: acredita-se dar muito à filosofia fazendo dela a arte da reflexão, mas retira-se tudo dela, pois os matemáticos como tais não esperaram jamais os filósofos para refletir sobre a matemática, nem os artistas sobre a pintura ou a música; dizer que eles se tornam então filósofos é uma brincadeira de mau gosto, já que a reflexão pertence a sua criação respectiva. (Deleuze, 2010. p. 12).

Jürgen Habermas junto a outros pensadores na mesma esteira, pensaram a filosofia como ação comunicativa:

O conceito de agir comunicativo, por fim, refere-se à interação de pelo menos dois sujeitos capazes de falar e agir que estabeleçam uma relação interpessoal (seja com meios verbais ou extraverbais). Os atores buscam um entendimento sobre a situação da ação para, de maneira concordante, coordenar seus planos de ação e, com isso, suas ações. O conceito central de interpretação refere-se em primeira linha à negociação de definições situacionais passíveis de consenso. (Habermas, 2012. p. 166)

Contudo, Deleuze também não compartilha dessa leitura sobre a filosofia, uma vez que a comunicação, para ele, objetiva consenso dentro dos discursos e perspectivas. Porém, ao olhar para a História da Filosofia, nota-se que poucas vezes houve consensos a respeito de certos temas (Deleuze, 2010, p. 12). Das diversas respostas que vimos anteriormente, Deleuze não se serve de nenhuma delas, porque ele as considera como moldes de produzir universais. Sendo assim, tais predicados não seriam algo exclusivo da filosofia, mas antes seriam usados também pelos demais saberes, tais como a arte e a ciência. “A contemplação, a reflexão, a comunicação não são disciplinas, mas máquinas de constituir Universais em todas as disciplinas.” (Deleuze, 2010, p.13).

A problemática encontrada por Deleuze nos Universais se dá, sobretudo, em um objetivo de dominação por parte da filosofia em relação as demais formas de conhecimento. Ele acreditava que os Universais nada explicavam, uma vez que para compreendê-los, precisávamos explicá-los. (Deleuze, 2010, p.12).

A filosofia como produtora de conceitos, pode usar esses universais de forma secundária, ou seja, em decorrência da criação de conceitos aplica-os nos seguintes acontecimentos: “[...] é próprio da filosofia criar conceitos que permitam a contemplação, a reflexão e a comunicação, sem os quais elas não poderiam existir, uma vez que contemplamos conceitos, refletimos sobre conceitos e comunicamos conceitos.” (Gallo, 2007. p. 24).

A questão que aqui nos interessa, é que no devir da história, a filosofia em sua vasta extensão sempre se valeu de conceitos, quer sejam eles expressos de forma oral ou escrita.

Ao visitarmos o Dicionário de Filosofia (Abbnano, 2007, p. 164) podemos de modo geral ver que a noção de conceito também sofreu variações. Uma das primeiras compreensões no respectivo dicionário sobre o conceito é: “Em geral, todo processo que torne possível a descrição, a classificação e a previsão dos objetos cognoscíveis.” André Lalande (1999) em seu vocabulário, ao olhar para a História da Filosofia nota que cada corrente filosófica compreendia a origem e a formação dos conceitos de forma singular. Lalande, percebe uma distinção entre os conceitos puros e os conceitos empíricos. O primeiro se vale de ideias a priori, isto é, que antecedem ou mesmo independem da experiência. Enquanto que os conceitos empíricos ou ainda a posteriori, por meio de compressões gerais sobre o objeto, agrupa-os em classes e categorias.

Em *O que é a Filosofia?* o autor aponta três momentos intensos que marcaram tais variações sobre a acepção do conceito: enciclopédia, elemento pedagógico e elemento de marketing. Ora, o conceito como enciclopédia, foi algo muito forte no idealismo alemão, sobretudo em Hegel, em que a determinação da realidade como exposta, ou ainda da noção de progresso era fundado por conceitos. No comércio ou ainda no marketing é um grande rival da filosofia por acreditar que ele é uma propriedade sua. O capitalismo ao se valer do conceito o usa objetivando o lucro e não o conhecimento, o saber. A perspectiva que Deleuze mais se familiariza e vê como possibilidade de exercer o pensamento é o conceito como pedagogia, isto é, colocação de problemas. “Se as três idades do conceito são a enciclopédia, a pedagogia, e a formação profissional comercial, só a segunda pode nos impedir de cair, dos picos do primeiro, no desastre absoluto do terceiro, desastre absoluto para o pensamento”. (Deleuze, 2010, p.19).

Deleuze não designa o conceito pelas definições, mas pelos acontecimentos. Vê-se então uma mudança ao entender o conceito não somente como uma categoria do pensar, em que o grande interesse estava, na imutabilidade ou na representação. Agora, nos é apresentado o conceito como uma produção daquilo que afetou um indivíduo.

Mas como a filosofia tinha cada vez mais desprezado sua vocação de criar conceitos, para se refugiar nos Universais, não se sabia muito bem qual era a questão. Tratava-se de renunciar a toda criação do conceito em proveito de uma ciência estrita do homem, ou, ao contrário, de transformar a natureza dos conceitos, transformando-os ora em representações coletivas, ora em concepções do mundo criadas pelos povos. (Deleuze, 2010, p. 16).

Diante disso, a legitimidade em fabricar conceitos por parte da filosofia permeia a compreensão de que ela se indaga não só por sua origem, mas pelas condições de possibilidade de criá-lo, isto é: o pensar. A condição de ser filósofo, se dá na necessidade de acontecimento, ou de ser afetado por ele, e ordená-lo em um conceito. Portanto, como assinala Deleuze conceito é uma invenção humana, não é dado. Ele é criado em um tempo e um espaço, em uma geografia.

Na esteira de Nietzsche, Deleuze pensa que o conhecimento é elaborado por conceitos, mas esses devem ser criados por tal indivíduo, ou seja, proveniente de uma intuição, de uma vivência que lhe é própria. O filosofar é criar: “Criar conceitos, ao menos é fazer algo. A questão do uso ou da utilidade da filosofia, ou mesmo de sua nocividade (a quem ela prejudica?), é assim modificada.” (Deleuze, 2010, p.24).

O conceito em Deleuze é uma totalidade, porém fragmentada. A fragmentação do conceito o torna irregular, ou seja, suas partes não mais se encaixam. Dizer isso, implica em pensá-lo não como elemento simples, mas antes como um conjunto dotado de partes, ou ainda de componentes ramificados. Um conceito nunca é isolado, ele sempre realiza ressonâncias com os demais. Os conceitos não são então um jogo de quebra cabeças, onde cada peça se encaixa ao tabuleiro e forma uma unidade ou uma imagem. Ele se assemelha a um de um muro de pedras secas, isto é, seus contornos são irregulares e não necessariamente se correspondem.

Ao tratar de um conceito, podemos estar lidando com aspectos que pertencem a outros conceitos e que respondem a outros problemas; eles realizam bifurcações, encruzilhadas. Deleuze, em *O que é a Filosofia?* para exemplificar tal questão, se vale do cogito cartesiano explicitando a condensação desses:

O conceito condensa-se no ponto E, que passa por todos os componentes, e onde coincidem E' – duvidar, E'' – pensar, E''' – ser. Os componentes como ordenadas intensivas se ordenam nas zonas vizinhança ou de indiscernibilidade que fazem passar de uma à outra, e que constituem sua inseparabilidade: uma primeira zona está entre duvidar e pensar (eu que duvido não posso duvidar que penso), e a segunda está entre pensar e ser (para pensar é necessário ser). Os componentes apresentam-se aqui como verbos, mas isto não é uma regra bastam que sejam variações. (Deleuze, 2010, p. 33).

Dentre os apontamentos sugeridos no procedimento deleuziano, em determinado momento ele se vale de Duns Escoto e sua *hecceidade* para mostrar qual a sua relação com o conceito. No vocabulário do pensador medieval, *hecceidade* quer dizer: singularidade sem sujeito (Etienne, 1995, p. 747). Um conceito apesar de ser criado por

um sujeito corporal, tem dimensões que são incorporais, que se aplicam às questões e problemas da vida. Contudo, o produtor de conceitos, sempre que o faz, deixa nele suas marcas, a isso Deleuze chama de assinatura. Ao se ouvir, por exemplo, a frase: “Penso logo existo”, ligeiramente nos virá um nome: Descartes. (Deleuze, 2010, p. 14).

O alicerce da criação conceitual está no caos, ou seja, no pensamento desordenado, com várias linhas e fluxos. Quando ocorre algo que violenta, isto é, afeta o sujeito, chamamos de acontecimento. É na experimentação desse acontecimento que se manifesta a necessidade de nomear, de conceituar, nesse momento de violência que o pensar ocorre. O caos, isto é, uma possibilidade de intuições desordenadas, dele é recortado e inserido num plano de imanência. Ora, o plano de imanência se assemelha a um campo, no caso um campo de intuições que são povoados por conceitos.

Deste modo, o plano de imanência, ao fazer um recorte do caos, em suas infinitas possibilidades do pensar, separa para si um horizonte em que nele se instaurará um pensamento composto por conceitos, ou ainda, uma imagem do pensamento. Ao se produzir um pensamento, o filósofo pode habitar um plano de imanência e até criar um. Diz Deleuze em suas *Conversações*: “É a imagem do pensamento que guia a criação de conceitos. Ela é como um grito, ao passo que os conceitos são como cantos.” (Deleuze, 1992, p. 185-186).

Povoar um campo de intuições, ou ainda um plano de imanência, não anula o pensar. Desta forma, habitar o plano de imanência de outro autor implica em dizer que para além do tempo o pensar se situa, sobretudo, nos espaços, tal como Platão e os Neoplatônicos ou Kant e os neokantianos, isto é, indivíduos que em tempos singulares partilhavam da mesma geografia do pensamento; pensavam os acontecimentos e a produção de conceitos a partir do mesmo horizonte, para responder seus problemas (Deleuze, 2010, p.71).

Pensar a coexistência de planos de imanência, é notar que o tempo na filosofia de Deleuze não tem privilégio quando colocado ao lado do espaço. O antes e o depois no pensamento deleuziano não indica evoluções, isto é, o posterior não é tomado como superior ao anterior, uma vez que não há plano que se qualifique melhor que outro, porém, existem apenas planos que se determinam a responder certas questões. “A filosofia é devir, não é história; ela é coexistência de planos, não sucessão de sistemas.” (Deleuze, 2010, p.72).

O exposto feito pelo filósofo francês, visa provocar a ideia de que não existem filosofias ou ainda pensamentos ultrapassados. A grande questão é que talvez o respectivo pensamento atualmente já não seja mais interessante ou mesmo insuficiente. Contudo, podemos pensá-lo no plano de imanência em que se encontrava seu criador, ou mesmo usá-lo para compor indagações pessoais (Deleuze, 1992,185-186).

Outra noção relevante que é consonante ao conceito, são os personagens conceituais. Em Deleuze os personagens conceituais são “heterônimos” do filósofo. Os personagens conceituais são aqueles que realizam movimentos de descrição dos campos de intuições, são como um interventor quanto à produção de conceitos. (Deleuze, 2010, p.75.), os respectivos personagens seriam a terceira pessoa do filósofo, ou ainda, o seu enunciador; ele não é algo abstrato, mas antes um ser dotado de vitalidade. Kierkegaard, Descartes, Nietzsche e Kant são uns dos diversos exemplos de filósofos que produziram uma filosofia com personagens conceituais. Kierkegaard enunciava seus pseudoanônimos como estilos de vida, ou seja, essas pessoas eram a encarnação de seus conceitos, desde o esteta levado pelos prazeres, até o religioso conduzido pela vontade de Deus. Kant ao iniciar seu projeto de investigação, que irá analisar a razão não pela experiência, mas por si própria, ou seja, ela será ré e juiz de si no tribunal. Dentre as tantas possibilidades, vemos também em Nietzsche inúmeros personagens, tais como: Zaratustra; Dionísio e Apolo.

Todo esse aparato filosófico para Deleuze deve ser avaliado pelo seu sentido; o quão interessante ele é, ou seja, quais as suas criações, perguntas e problemas. Entretanto, se determinada filosofia não se ocupar de tais questões, isso não a torna errônea, mas desinteressante:

De muitos livros de filosofia, não se dirá que são falsos, pois isso não é dizer nada, mas que são sem importância, nem interesse, justamente porque não criam nenhum conceito, nem trazem uma imagem do pensamento ou engendram um personagem que valha a pena pensar. (Deleuze, 2010. p. 100).

Desta forma, a História da Filosofia por vezes é desinteressante, uma vez que o modo como ela é exposta não permite que se manifeste a potência de tal plano de imanência, os seus conceitos, os personagens conceituais e os problemas que ela se lança a pensar, permanecendo adormecidos ou incompreendidos. A letargia provocada pela História da Filosofia se manifesta, sobretudo, quando se aprende o que cada filósofo pensou, porém, não se sabe quais os acontecimentos o impeliram a pensar tal questão e quais as suas implicações (Deleuze, 2010, p.97).

Acerca disso, o filósofo da diferença, intui que existe um gosto filosófico. Esse gosto seria aquilo que move um indivíduo a pensar, ou seja, os temas e perguntas que lhe movem. Sendo assim, não existem problemas que interessam a todos, mas dentro desse gosto, há um instinto que impele que cada indivíduo que filosofa tenha afinidade com certos nomes, conceitos e problemas. Deleuze acredita que a filosofia pode elaborar modos e possibilidades de viver. Isso ocorre, porque ele pensa a filosofia a partir da vida, isto é, com base em nossas experiências. Os conceitos dão estilos de vida ao filósofo, eles a intensificam. Entender a filosofia a partir de um gosto, é possibilitar pensar a existência de forma filosófica.

Em síntese, o conceito possui então algumas características relevantes no horizonte deleuziano: a primeira é que ele é um todo fragmentado, ou seja, ele é múltiplo. Diante disso, tal como as pedras secas o conceito forma vizinhança e bifurcações com os demais conceitos. Ele habita um campo, ou ainda um solo chamado de plano de imanência que, por sua vez, compõe uma imagem do pensamento originário dos problemas e dos afetos que o filósofo vivenciou. O conceito possui seu valor de acordo com o interesse do indivíduo ou ainda do plano de imanência em que se está.

A filosofia se apresenta a partir de uma tríade: ela exige um plano de imanência, em que as intuições recortam o caos e dele retiram a possibilidade de povoar esse campo; além disso, tem-se os conceitos que dão consistência ao plano de imanência e, possibilitam produzir e estruturar os acontecimentos; tem-se os personagens conceituais que inventam, dão vida, encarnam os conceitos (Deleuze, 2010, p.93). Sendo assim, a necessidade do conceito consiste em impedir que o pensamento se restrinja a opiniões ou ainda a rumores, é um modo de experimentar o viver (Deleuze, 1992, p. 170).

Assim pois, o filosofar se dá num procedimento construtivista, em que um indivíduo possui intuições que lhe permitem ser afetado por indagações, possibilitando-lhe pensar e criar conceitos. Fabricar um conceito é um ato de necessidade, tendo por vezes que recorrer a arcaísmos, neologismos, etimologias e a vocabulários da tradição filosófica (Deleuze, 2010, p.14).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O caminho trilhado por Deleuze possibilita entender a filosofia dotada de vitalidade. A produção filosófica nesse plano de imanência não objetiva intervir ou ainda

legislar formas alheias do conhecimento. O filósofo, nesse horizonte, tem por assim dizer uma atividade a exercer: criar conceitos. A atividade do pensar na filosofia não é algo feito por prazer, mas por necessidade, por um acontecimento que afetou e violentou alguém.

Dar primazia a filosofia sobre a contemplação, a reflexão e comunicação, é empobrecê-la, afinal pode-se fazer tais atividades sem valer-se dela. Os universais são encontrados na filosofia, arte e ciência, mas de modo secundário, pois cada uma delas se responsabiliza por fabricar algo. Desta forma, o conceito advém de uma experiência subjetiva que, tal como uma ferramenta, lhe possibilita: experimentar, contemplar, refletir e comunicar.

Enfim, reconhecemos a brevidade e as limitações que contém esse artigo diante do que o pensamento deleuziano pode nos propiciar. No entanto, mostramos as diferentes compreensões de outros autores na tentativa de pensar o que é a filosofia, e expor a originalidade que Deleuze traz. Em resumo, andar por tal via, é trilhar um caminho que pensa a vida, e suas experimentações como atividade filosófica.

Referências

ABBGANO, N. **Dicionário de Filosofia**. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ARISTÓTELES. **Metafísica**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Editora Ática, 2000.

DELEUZE, G. **Conversações. 1972-1990**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992. (Coleção TRANS).

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia**, vol. 1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. (Coleção TRANS).

GALLO, S. **Deleuze e a educação**. 3ª ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2007.

HABERMAS, Jürgen. **Teoria do Agir Comunicativo: racionalidade da ação e racionalização social**, vol. 1. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

LALANDE, A. **Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MACHADO, R. **Deleuze, a arte e a filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.